

A Coleção Teresa Cristina do Museu Nacional do Rio de Janeiro: as possibilidades de uma coleção

Sandra Ferreira dos Santos
In memoriam

SANTOS, S.F. A Coleção Teresa Cristina do Museu Nacional do Rio de Janeiro: as possibilidades de uma coleção. R. Museu Arq. Etn., 30: 148-160, 2018.

Resumo: Este artigo pretende apresentar a Coleção Teresa Cristina do Museu Nacional do Rio de Janeiro em suas possibilidades educacionais e de pesquisa, focando nos vasos com iconografia provenientes da região da Magna Grécia. A coleção, também chamada de Coleção Mediterrânea, é composta por objetos etruscos, gregos e das colônias gregas do sul da Itália, além de importantes peças do período romano, especialmente aquelas provenientes das cidades de Pompeia e Herculano. A intenção é, por meio de um conjunto específico de peças da coleção, realizar uma comparação com outras coleções do mundo, de modo a comprovar que a Coleção Teresa Cristina é uma coleção significativa, que pode fornecer material importante e variado para o estudo e a pesquisa.

Palavras-chave: Coleção Teresa Cristina; Potencial dos objetos; Iconografia; Vasos; Magna Grécia.

A Coleção Teresa Cristina

Maiores coleção greco-romana da América do Sul, a Coleção Arqueológica Teresa Cristina faz parte do acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro e é composta por mais de 700 peças, entre vasos de cerâmica, lamparinas, estatuetas de terracota, objetos de bronze, amuletos fálcos, esculturas de pedra, frascos de vidro e painéis de pintura mural. Parte dessa coleção foi trazida para o Brasil em 1843 pela Imperatriz Teresa Cristina, esposa do Imperador D. Pedro II, como parte do seu dote. A pedido da Imperatriz, outra parte importante, proveniente do Museu Bourbonico – atual Museu Nacional de Nápoles –, foi enviada ao país por seu irmão Ferdinando II de Nápoles, rei das Duas Sicílias (Sarian 1996: 25).

O segundo fascículo do Arquivo Nacional de Nápoles, de 1855, fornece importantes informações sobre as peças enviadas ao

Brasil por Ferdinando II. Por meio desse documento ficamos sabendo que, em 1856, foram escolhidos e enviados ao museu do Rio de Janeiro 260 objetos do acervo do Museu Bourbonico, dentre eles 60 vasos gregos pintados. Segundo Lavagne (2005: 12), mais do que obras de arte, a escolha privilegiou objetos da vida cotidiana, demonstrando preocupação etnográfica notável para a época.

Algumas das peças, enviadas por Ferdinando II, fizeram parte da coleção da rainha Carolina Murat, irmã de Napoleão Bonaparte e esposa do antigo rei de Nápoles, coleção essa que permaneceu na cidade quando Ferdinando I, Bourbon, reafirmou o poder do Reino das Duas Sicílias em 1816. Foram os Bourbon de Nápoles que organizaram o acervo arqueológico do atual Museu Nacional de Nápoles, unindo sua coleção particular à de Carolina Murat (Sarian 1996: 25).

A totalidade das peças que compõem a Coleção Teresa Cristina é proveniente de escavações ou de achados fortuitos de vários sítios arqueológicos da Itália. É difícil identificar, com precisão, o local exato onde foram encontrados esses objetos, sabendo-se apenas a procedência das peças das escavações de Pompeia e de Herculano e daquelas oriundas de escavações organizadas pela própria Imperatriz.

Os vasos etruscos de *bucchero*, por exemplo, são provenientes das proximidades da cidade de Veios, onde a Imperatriz possuía propriedades e promoveu escavações arqueológicas a partir do ano de 1853. Dessa escavação em Veios, que se desenvolveu até 1889, ano da morte da imperatriz, foi retirada uma grande quantidade de peças, mas somente parte delas teve como destino a coleção do Museu Nacional.

Muitas dessas peças ainda estavam na Itália quando a República foi proclamada no Brasil. Apesar da insistência do Imperador para que as peças fossem enviadas para o Brasil após a morte da Imperatriz, seus netos, os Príncipes Pedro, Luís e Augusto Leopoldo, doaram os objetos para os museus Preistorico Del Collegio Romano, atual Museu Preistorico e Etnografico, e Villa Giulia, ambos em Roma, sendo ainda possível que algumas peças tenham ido para o Museo Civico de Modena (Arquivo Nacional de Nápoles, fascículo II).

Na época houve grande polêmica diplomática sobre os objetos retirados na última escavação de Veios, cogitou-se que, na verdade, eles teriam sido vendidos pelos príncipes, mas não há qualquer certeza sobre isso, visto se tratar de transações não permitidas pelo governo italiano e não existir qualquer documento que as comprovem (Avella 2014: 109).

Assim, fora as peças provenientes de Veios, Herculano e Pompeia, não há qualquer registro da procedência dos demais objetos, especialmente aqueles provenientes da coleção de Carolina Murat. A maioria dos vasos das colônias gregas do sul da Itália encontra-se nessa situação, com referência somente à região de origem, sem especificação do local

exato – e mesmo tal referência pode ter sido estabelecida posteriormente, a partir dos traços estilísticos das pinturas.

Cabe destacar a atuação e a importância da Imperatriz Teresa Cristina na formação dessa coleção. A Imperatriz não só trouxe para o Brasil um “dote cultural” – já com a ideia de formar o acervo –, como também aumentou a coleção ao longo de sua vida através de um intercâmbio entre o Brasil e a Itália. Além disso, Teresa Cristina financiou várias escavações arqueológicas em suas propriedades em solo italiano e nos arredores de Herculano e Pompeia, de onde foram retirados inúmeros objetos de valor inestimável. Dentre eles podemos destacar os afrescos vindos da cidade de Pompeia e o busto de Antínoo, retirado de Veios, uma belíssima peça que foi doada pela Imperatriz à Escola Nacional de Belas Artes e hoje se encontra no Museu Nacional de Belas Artes.

O período em que Teresa Cristina envolveu-se com a arqueologia, mesmo que de forma indireta, foi o momento de surgimento dessa disciplina como ciência, quando ainda não havia métodos eficazes de contextualização do material encontrado para que esse pudesse servir como testemunho direto da história dos povos aos quais pertenceram. Entretanto, a Imperatriz e seu irmão tiveram o cuidado de, nas escavações patrocinadas por sua família, perceber os objetos mais ligados à vida cotidiana daquelas populações, atitude bastante incomum para a época e que hoje nos ajuda a fazer essa necessária contextualização. A importância da Imperatriz para o desenvolvimento da arqueologia no século XIX e para a formação do Museu Nacional é incalculável.

A Coleção Teresa Cristina possui um grande potencial não somente para o entendimento das sociedades sobre as quais versa, mas também sobre a formação do próprio Brasil e sua sociedade, em um momento muito particular do nosso país. O século XIX foi o momento da “construção” do Brasil, de fortalecimento de sua identidade e de sua ligação com as origens europeias. A ligação da monarquia a essas origens e seu esforço para ligá-las ao Brasil fala muito sobre nós, nossa cultura e sobre a forma como nos entendemos.

Os objetos da coleção e suas potencialidades

A coleção Teresa Cristina apresenta três eixos espaço-temporais importantes: as sociedades Etrusca, com peças datadas dos séculos VII-VI a.C.; Grega e de suas colônias do sul da Itália, cujas peças datam desde o século VI ao III a.C.; e Romana, com objetos que datam do século III a.C. ao I d.C.

Sem pretensão de esgotar o material, somente levantando questões e possibilidades, podemos chamar a atenção para alguns objetos específicos. A coleção etrusca, que se encontra em ótimo estado de conservação, possui grande quantidade de peças de *bucchero nero* – cerâmica negra e brilhante que é considerada a cerâmica nacional etrusca. As peças possuem potencial para o estudo da vida cotidiana dos povos da região, bem como seus costumes funerários e rituais.

Além das peças de *bucchero*, há pequenas estatuetas de metal de uso votivo e vários vasos etruscos-coríntios, que possuem a decoração típica realizada na cidade de Corinto durante o século VII a.C., o que levanta questões interessantes sobre o contato dos gregos com os etruscos, que se localizavam na região central da península itálica, antes mesmo da chamada “colonização grega”, ocorrida na região do sul da Itália.

Além das peças etruscas, a coleção possui um número considerável de peças do período romano, especialmente resgatadas das proximidades das cidades de Herculano e Pompeia. Esses objetos, bastante ligados à vida cotidiana das populações, podem trazer conhecimentos variados sobre esses povos. Há muitas estatuetas de terracota, lamparinas, estátuas de mármore que seguem o estilo arcaizante grego, vidros de perfume e cosméticos, objetos pessoais masculinos e femininos, utensílios de cozinha, ânforas para transporte de vinho, azeite e grãos, além de objetos votivos.

Vale ressaltar a presença de um conjunto interessantíssimo de amuletos fálicos retirados da região de Pompeia, o que pode trazer muitas informações sobre as crenças e as formas de religiosidade desses povos, além de levantar questões sobre a magia no mundo antigo.

Muitas temáticas podem ser abordadas a partir do estudo desses objetos do período

romano, como rotas de comércio, atividades masculinas e femininas, religião, arte, técnicas de trabalho com metais e cerâmica, entre tantas outras possibilidades ligadas aos romanos como um todo e à vida nas cidades de Pompeia e Herculano, em especial. Cabe destacar, entre tais objetos, os afrescos provenientes do templo de Isis, em Pompeia.

Os objetos gregos se dividem em dois tipos: os oriundos das cidades da Ática (em especial, Atenas) e de Corinto, e os das cidades gregas do sul da Itália, região colonizada pelos gregos que ficou conhecida como Magna Grécia. Os primeiros objetos citados não se apresentam em grande número, porém, têm potencial de estudo significativo, uma vez que se trata de vasos com iconografia ligada às principais atividades masculinas, como o banquete e as atividades físicas, e outras femininas pouco abordadas nos estudos sobre as mulheres gregas, como a coleta de frutas, o trabalho agrícola e fora da casa.

Já os vasos magno-gregos, em número bastante considerável, apresentam enorme potencial de pesquisa. Serão analisados neste artigo, em especial, vasos datados em sua maioria do século IV a.C. que apresentam iconografia como parte importante dessa coleção e como exemplo de sua capacidade para agregar conhecimento.

Os vasos pintados possuem técnicas de pintura variadas, demonstrando a ligação cultural desses povos com regiões, por vezes, longínquas. A vida cotidiana, a religião e as suas mudanças ao longo dos tempos podem ser fartamente estudadas e a coleção como um todo possui viés ligado ao universo feminino, levantando possibilidades promissoras no estudo das mulheres na antiguidade. Os vasos com iconografia datados do século IV-III a.C. podem trazer informações e aprofundamentos muitas vezes surpreendentes sobre a vida de homens e mulheres dessa região do mundo grego nesse período.

O que chama atenção no conjunto de vasos itálicos – além, naturalmente, de suas diferenças estilísticas em relação aos vasos áticos – são os temas abordados pelos artistas nas representações iconográficas. Há uma profusão de temas rituais e femininos em um

conjunto que levanta muitas questões; eles são provenientes das regiões da Campânia, Apúlia e Lucânia e formam uma coleção de 37 vasos.

Magna Grécia e Sicília

Os vasos com iconografia que se encontram na Coleção Teresa Cristina, e que serão considerados agora, são gregos. Vasos gregos que foram fabricados no sul da Itália, região onde imigrantes de origem grega, a partir do século VIII a.C., fundaram cidades que aderiram à sua cultura e com as quais mantinham, há um longo tempo, contatos comerciais e culturais. A região, conhecida como Magna Grécia – e que se une à Sicília como local de assentamento dos gregos – se consolidou como um centro estratégico de intercâmbio comercial e cultural (Moscati 1987: 11).

A descrição dessa extensa rede de interações sociais e culturais é importante para o entendimento dos grupos que ocuparam a Itália nesse período – no caso, os fabricantes e usuários dos vasos que analisamos. A influência grega é inquestionável, entretanto, percebe-se que inúmeros elementos da cultura local permaneceram nas representações, o que demonstra que elas não foram destruídas.

É possível concluir que houve uma interação entre a cultura local e a externa, uma vez que a assimilação de elementos da cultura local pelos gregos também ocorreu, mesmo que de forma mais sutil e demorada. Podemos considerar, portanto, que a dinâmica entre os estrangeiros e a população nativa produziu transformações culturais e sociais prolongadas em ambos os lados (Funke 2006: 158-159; Lomas 2000: 34-35).

Vasos pintados: veículos de comunicação

As interações culturais estabelecidas no sul da Itália são visíveis nas imagens dos vasos; em muitos deles é possível verificar que, apesar de terem forma e técnica de pintura gregas, contêm imagens que mesclam elementos gregos e locais, assim como visões e representações ligeiramente diferentes daquelas presentes nos vasos de

outras partes do mundo grego (Orlandini 1986: 522; Dias 2009: 51-53).

Na verdade, as representações dos vasos do sul da Itália apresentaram características ecléticas desde o seu início. Apesar de a influência ática ser inquestionável, a linguagem utilizada pelos ateliês itálicos e sicilianos sempre se revelou original. O saber técnico e formal se reporta à tradição ática, mas a inovação vem de uma combinação e de uma elaboração dos motivos totalmente novas. A produção de vasos da Magna Grécia se define, assim, como uma reelaboração de elementos diversos, que deu origem a uma linguagem original, mas facilmente reconhecível (Mugione 1999: 315-316).

Nos últimos anos, muitos pesquisadores passaram a analisar as imagens a partir de modelos linguísticos de criação de significado, percebendo-a como objeto possível de ser lido, ou seja, como um sistema de sinais. Dessa forma, a linguagem da imagem dos vasos nos dá acesso não somente à experiência visual do pintor, mas ao sistema intelectual coletivo da cultura grega, ou seja, ao imaginário social (Pierce 2004: 47).

Vasos antigos devem ser analisados como veículos de comunicação. Eles transmitiam informações sobre a cultura e os valores da sociedade a que pertenciam, incorporavam e comunicavam padrões estéticos, valores culturais e ideias, além de transmitir mitos e lendas. Uma vez que os vasos são uma forma de comunicação, é possível entender esse processo por meio de modelos teóricos que expliquem como as mensagens eram enviadas e recebidas e, ainda, demonstrar que a repetição pode, de fato, favorecer o entendimento. Em termos gerais, um sistema consistente de repetição e de coerência, como observado nos vasos gregos, é extremamente eficiente na transmissão de mensagens.

Naturalmente, não é possível considerarmos esse imaginário social como um “espaço” homogêneo. No entanto, as imagens certamente “transportam” signos sobre o que é possível e/ou desejável para cada um dos grupos representados nessa sociedade. Mesmo que os vasos, em sua maioria, fossem objetos de comércio destinados à elite, eles eram dotados de códigos compreendidos e assimilados por toda a sociedade.

Dessa forma, observar vasos com mulheres em ambientes domésticos não significa que todas as mulheres gregas transitavam somente por esse tipo de espaço – sabemos que as mulheres de famílias menos abastadas precisavam trabalhar fora de casa –, mas que este era um modelo ideal, o lugar ideal da mulher, o espaço social que ela deveria assumir, mesmo que não exclusivamente.

Pensar nessa possibilidade não exclui o entendimento de que o artista era dotado de um imaginário pessoal, fazia parte de um grupo e, naturalmente, reproduzia na arte sua percepção social. No entanto, é necessário assumir que nossas convicções e nossa forma de ver o mundo não podem ser desvinculadas do contexto cultural no qual vivemos. Além disso, os vasos eram vendidos e as cenas deveriam ser entendidas e interpretadas pelos compradores e observadores, por isso não poderiam ser unicamente uma interpretação pessoal do artista.

O trabalho mais produtivo sobre a iconografia dos vasos, portanto, explora as cenas não como reproduções de eventos reais, mas como uma recodificação em imagens ou formas

visuais dos conceitos culturais daquela sociedade. Assim, muitas cenas antes consideradas reais passam a ser interpretadas como cenas do imaginário expressas por um sistema convencional de signos (Pierce 2004: 49).

Temáticas e formas

Interessa-nos, através da iconografia dos vasos, além de perceber seu potencial para o conhecimento sobre a sociedade grega que se instalou no sul da Itália e na Sicília, determinar se os vasos da Coleção Teresa Cristina formam um conjunto significativo para utilização como testemunho a respeito dessas sociedades. Por esse motivo os vasos da coleção foram analisados e comparados com vasos de outras coleções do mundo. As temáticas e formas como estas se mesclam umas às outras levantam questões interessantes para pesquisa.

Iniciando com a coleção brasileira, as temáticas e formas dos vasos italianos com iconografia da Coleção Teresa Cristina podem ser resumidas pela tabela abaixo:

Vaso	Tema lado A	Tema lado B	Presença de mulheres na cena	Presença de rituais	Presença de atributos dionísios	Origem
Cratera	Casamento/ambiente doméstico	Casamento/ambiente doméstico	Sim	Sim	Não	Campânia
Cratera	Casamento/ambiente doméstico	Jovens envolvidos em mantos	Sim	Sim	Sim	Campânia
Cratera	Teatro	Jovens envolvidos em mantos	Sim	Não	Sim	Campânia
Cratera	Mitologia (Afródite e Ares)	Jovens envolvidos em mantos	Sim	Não	Não	Campânia
Cratera	Rosto feminino	Rosto feminino	Sim	Não	Sim	Apúlia
Cratera	Rosto feminino	Rosto feminino	Sim	Não	Sim	Apúlia
Cratera	Casamento	Mitologia	Sim	Sim	Sim	Campânia
Cratera	Mitologia	Mitologia	Sim	Sim	Não	Campânia
Cratera	Sátiro/Gnathia	Sem decoração	Não	Sim	Sim	Apúlia
Cratera	Dioniso/Gnathia	Uvas	Não	Não	Sim	Apúlia
Cratera	Mitologia/Dioniso	Mitologia/Dioniso	Sim	Sim	Sim	Lucânia
Cratera	Mulheres conversando/ambiente doméstico	Jovens envolvidos em mantos	Sim	Não	Não	Itália Meridional

Vaso	Tema lado A	Tema lado B	Presença de mulheres na cena	Presença de rituais	Presença de atributos dionisiacos	Origem
Cratera	Teatro	Nike	Sim	Sim	Não	Itália Meridional
Cratera	Homem e mulheres conversando/ambiente doméstico	Sem decoração	Sim	Não	Não	Itália Meridional
Cratera	Partida do guerreiro	Mulher segurando sítula e guirlanda	Sim	Sim	Não	Itália Meridional
Enócoa	Casamento/ambiente doméstico	Homem segurando lança	Sim	Não	Sim	Campânia
Enócoa	Casamento/ambiente doméstico	Casamento/ambiente doméstico	Sim	Sim	Não	Campânia
Enócoa	Rosto feminino	Palmetas	Sim	Não	Não	Itália Meridional
Enócoa	Casamento/ambiente doméstico	Sem decoração	Sim	Sim	Não	Apúlia
Enócoa	Casamento/ambiente doméstico	Palmetas	Sim	Sim	Sim	Campânia
Enócoa	Rosto feminino	Palmetas	Sim	Não	Não	Itália Meridional
Enócoa	Dioniso com oferendas	Palmetas	Não	Sim	Sim	Campânia
Enócoa	Casamento/ambiente doméstico	Casamento/ambiente doméstico	Sim	Sim	Não	Itália Meridional
Lécito	Rosto feminino	Palmetas	Sim	Não	Não	Itália Meridional
Lécito	Rosto feminino	Palmetas	Sim	Não	Não	Itália Meridional
Ânfora	Casamento/ambiente doméstico	Dioniso	Sim	Sim	Sim	Itália Meridional
Skyphos	Casamento/ambiente doméstico	Sátiro	Sim	Sim	Sim	Apúlia
Cântaro	Rosto feminino	Rosto feminino	Sim	Não	Sim	Apúlia
Cântaro esquifóide	Rosto feminino	Rosto feminino	Sim	Não	Não	Apúlia
Hidria	Dioniso	Palmetas	Sim	Sim	Sim	Lucânia
Ânfora	Dioniso	Mulher segurando tamborim	Sim	Sim	Sim	Campânia
Phiale	Rosto feminino	Sem decoração	Sim	Não	Não	Itália Meridional
Lekanis (tampa)	Rosto feminino	Sem decoração	Sim	Não	Não	Campânia

Vaso	Tema lado A	Tema lado B	Presença de mulheres na cena	Presença de rituais	Presença de atributos dionisiacos	Origem
Lekanis (tampa)	Rosto feminino	Sem decoração	Sim	Não	Não	Campânia
Lekanis (tampa)	Rosto feminino	Rosto feminino	Sim	Não	Não	Itália Meridional
Lekanis (tampa)	Rosto feminino	Rosto feminino	Sim	Não	Não	Itália Meridional
Taça	Dioniso/Gnathia	Dioniso/Gnathia	Não	Não	Sim	Apúlia

Tabela 1. Temáticas e formas presentes nos vasos italianos da Coleção Teresa Cristina. Fonte: Elaborado pela autora.

Em uma primeira análise desses dados, verificamos que, dos 37 vasos, somente 4 não apresentam mulheres na sua iconografia – as representações com a presença de mulheres correspondem a 89,19% do total. Dos 37, 12 vasos possuem cenas diretamente relacionadas ao casamento (32,43%); 7 têm representações de Dioniso ou seu tíaso (18,92%); e outros 10 exibem representações de atributos dionisiacos, como cachos de uva, folhas de hera etc. (27,03%) – totalizando 17 vasos relacionados ao deus (45,95%).

Dos 12 vasos com cenas relacionadas ao casamento, 5 deles também contêm atributos dionisiacos (41,67%) em sua iconografia e somente em 3 vasos não há, simultaneamente, uma cena de ritual – ou seja, dos 12 vasos de casamento 75% possuem cena de ritual.

Dos 37 vasos, 17 exibem imagens que representam algum ritual ou oferenda (45,95%) e, em todos eles, a personagem que realiza o ato é uma mulher. Assim, os temas mais comumente representados nos vasos são o casamento e o universo dionisiaco – este muitas vezes vinculado ao casamento. A religião, simbolizada pela realização de rituais, está muito presente nas imagens e é especialmente ligada às mulheres. Apesar da iconografia dos vasos dessa coleção não revelar a presença simultânea de Eros e de Dioniso, ou imagens que possam sugerir uma fusão dos dois deuses, o último aparece, de forma considerável, em cenas relacionadas ao casamento, não só representado diretamente, mas também em seus atributos e na forma dos vasos.

Temática	Quantidade	%
Mulheres (em geral)	33	89,19
Casamento	12	32,43
Casamento + Dioniso	5	41,67
Casamento + oferenda/ritual	10	75,00
Ritual/ofereanda	17	45,95
Dioniso	17	45,95

Tabela 2. Percentual das temáticas da Coleção Teresa Cristina (temas podem se mesclar no mesmo vaso). Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação às formas dos vasos, podemos verificar que há 15 crateras na coleção, sendo esta a forma mais recorrente.

Os temas que aparecem nesses vasos são: casamento (5), Dioniso (3, sendo 1 deles presente no lado B do vaso de mitologia),

mitologia (3), rostos femininos (2), teatro (2) e partida do guerreiro (1).

Há 8 enócoas, 5 delas com temas relacionados ao casamento, 2 com rostos femininos e 1 com Dioniso. Os léцитos correspondem a 2 exemplares, ambos com imagens de rostos femininos. Há também 2 ânforas que possuem imagens de

Dioniso, sendo que 1 contém, no lado B, uma imagem de casamento. Temos ainda 2 cântaros com rostos femininos, 1 hidria com imagem de Dioniso, 1 *phiale* com rosto feminino, 1 taça com imagem dionisiaca, 4 tampas de *lekanides* com rostos e 1 *skyphos* contendo uma cena com Dioniso e outra de casamento, no lado B.

	Cratera	Enócoa	Léцитos	Ânfora	Cântaro	Hidria	Phiale	Lekanis	Skyphos	Taça
Casamento	5	5	0	0	0	0	0	0	1	0
Dioniso	3	1	0	2	0	1	0	0	0	1
Rosto	2	2	2	0	2	0	1	4	0	0
Mitologia	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Teatro	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Partida do Guerreiro	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	15	8	2	2	2	1	1	4	1	1
%	40,55	21,63	5,40	5,40	5,40	2,70	2,70	10,82	2,70	2,70

Tabela 3. Temáticas por formas de vasos. Fonte: Elaborado pela autora.

Essas características e ocorrências permitiram algumas interpretações iniciais. A primeira delas está relacionada às crateras contendo cenas de casamento e à presença constante de Dioniso nos vasos. Cabe ressaltar que este deus aparece representado em cenas rituais, cotidianas e também em cenas de casamento, o que nos leva a pensar em uma ligação de Dioniso com o casamento na região do sul da Itália. A presença dessa divindade não é recorrente somente nas imagens, mas, como se pode perceber, também na forma dos vasos em que essas cenas aparecem: crateras e cântaros, em especial.

Outra questão que chama atenção é o fato de as temáticas presentes nos vasos mostrarem uma forte vinculação ao universo feminino, levando-nos a pensar se os temas e objetos da coleção teriam sido escolhidos pela imperatriz com a intenção de dar um acento feminino à coleção. Como não há qualquer documento que dê suporte a essa ideia – considerando que, nas cartas trocadas com seu irmão, a imperatriz Teresa Cristina solicita o envio de peças, mas sem temáticas específicas – cabe questionar se as temáticas presentes na coleção, nas proporções em que aparecem, se apresentariam também em outras coleções de vasos do mesmo período

e região, revelando, assim, um interesse em determinados temas na região da Magna Grécia e da Sicília.

As temáticas presentes em outras coleções

Observando vasos de outros museus do mundo², especialmente da Itália – visto que os objetos estudados são dessa região e é onde se encontra a maioria dos vasos semelhantes –, percebemos as mesmas temáticas presentes na Coleção Teresa Cristina, com poucas variações e praticamente na mesma proporção.

2 Museu de Bologna, Museu Nacional de Nápoles, Museu de Paestum, Museu de Regio Calábria, Museu de Bari, Museu do Louvre, Museu de Viena, Museu de Boston, Museu de Palermo, Museu Mariemont, Museu de Florença, Museu de Agrigento, Academia Americana de Roma, Museu de Berlim, Museu de Policoro, Museu de Taranto, Museu de Reading, Museu do Vaticano, Museu Everson, Museu Paolo Orsi (Siracusa), Museu Richmond, Paul Getty Museum, Museu da Universidade de Canterbury, Museu de Toledo, Museu do Brooklyn, Museu de Olímpia, Museu de Oxford, Museu de Munique, Museu de Budapeste, Museu de Arte e História de Genebra, Fogg Art Museum (Cambridge), Museu de Matera, Museu de Ruvo, National Gallery of Victoria (Melbourne) e coleções particulares.

Foram utilizados, para comparação com os vasos da Coleção Teresa Cristina, mais 364 vasos itálicos e sicilianos de outros museus. Assim, foi possível observar que os temas presentes nos vasos estão relacionados:

- a. Ao casamento (e/ou ao ambiente doméstico);
- b. Ao universo dionísio;
- c. Aos contextos funerários;
- d. À partida do guerreiro e/ou homenagem ao herói;
- e. Às cenas de teatro;
- f. Aos vasos contendo faces/cabeças femininas;
- g. Outras temáticas como cenas mitológicas, banquete, sacrifício e rapto, também aparecem, porém em menor número.

Mais precisamente, o número de vasos em cada uma dessas temáticas assim se apresenta:

Observa-se que as temáticas que mais aparecem seguem, proporcionalmente,

praticamente a mesma ordem daquela que aparece na Coleção Teresa Cristina.

Além disso, cabe salientar um fato que me parece muito significativo: mesmo que as cenas dos vasos não estejam ligadas diretamente à mulher, como aquelas relacionadas ao ambiente doméstico e ao casamento, as mulheres estão presentes em praticamente todos os vasos. A presença feminina nos vasos da Magna Grécia é muito mais significativa e variada do que nos áticos, por exemplo. Essa característica é, no mínimo, curiosa em uma sociedade que associamos fortemente aos valores masculinos – o que pode sinalizar uma diferença na visão ou no imaginário sobre a mulher nessa região do mundo grego.

As temáticas que se apresentam nos vasos entre as regiões da Magna Grécia e da Sicília aparecem na seguinte proporção:

Temática	Itálicos e Sicilianos	%
Mulheres em situações relacionadas ao casamento	146	40,11
Universo dionísio	92	25,27
Partida/homenagem a guerreiro/herói	46	12,63
Faces/cabeças femininas	41	11,27
Contextos funerários	22	6,05
Cenas de teatro	10	2,75
Outras temáticas	07	1,92
Total	364	100

Tabela 4. Temáticas presentes nos vasos por quantidade. Fonte: Elaborado pela autora.

Temática	Campânia	Apúlia	Lucânia	Calábria	Sicília	Origem incerta
Mulheres em situações relacionadas ao casamento	9	47	21	3	63	3
Universo dionísio	4	14	19	3	49	3
Partida do guerreiro/homenagem ao herói	4	21	5	0	12	4
Contextos funerários	5	15	0	0	2	0
Cenas de teatro	0	1	6	0	3	0
Faces/cabeças femininas	4	27	0	0	10	0
Outras temáticas	4	1	0	0	2	0
Total	30	126	51	6	141	10

Tabela 5. Principais temáticas por região. Fonte: Elaborado pela autora.

É interessante notar que a maior quantidade de vasos com temáticas relacionadas ao casamento e ao universo dionisiaco aparece ligada à Sicília. Essa região possui características bastante peculiares relacionadas ao longo domínio de tiranos muito poderosos que estabeleciam alianças com cidades vizinhas através de acordos matrimoniais.

A política matrimonial era institucionalizada na Sicília e em outras partes da Magna Grécia, tanto para a classe dirigente quanto para o restante da população e pode ter influenciado as representações imagéticas tão ligadas ao casamento nessa área. O deus Dioniso, também bastante presente nas imagens dos vasos, foi especialmente cultuado na região da Magna Grécia e da Sicília; sua imagem foi, durante todos os tempos, muito utilizada para simbolizar a união entre gregos e

estrangeiros, e a ligação dos tiranos com o poder (Santos 2015: 171-186, 196-205).

A forma dos vasos é tão importante para a sua interpretação quanto sua decoração, assim, é preciso considerar que existe uma relação entre elas. Os vasos gregos tinham funções bem específicas e, portanto, contextos sociais também específicos. Desta forma, o pintor e o artesão escolhiam a forma e a decoração do vaso tendo esse tipo de combinação em mente. Para Warden (2004: 5-6), uma atenção cuidadosa na forma e na decoração, combinadas com questões de contexto e de significado, pode levar a leituras mais precisas e a novos *insights*.

Tal vinculação da forma e da representação iconográfica pode ser observada nos vasos de outros museus, estabelecendo as seguintes correspondências:

ITALIOTAS E SICILIOTAS	Casamento	Universo dionisiaco	Contextos funerários	Partida do guerreiro	Cenas de teatro	Cabeças femininas	Outros	Total
Cratera	23	46	5	18	6	0	4	102
Lécito	14	6	1	3	0	5	0	29
Peliké	14	3	2	5	0	1	1	26
Ânfora	9	2	8	5	1	3	1	29
Pyxis	7	2	0	1	0	3	0	13
Kylix	3	1	0	1	0	1	0	6
Enócoa	9	3	0	3	0	6	0	21
Hidria	21	5	5	2	0	3	0	36
Lebes Gamikos	20	2	1	0	0	3	0	26
Loutrophoros	1	0	0	0	0	1	0	2
Lekanis	8	2	0	4	1	4	0	19
Skyphos	7	11	0	2	0	6	0	26
Stamnos	0	0	0	0	0	0	0	0
Cântaro	1	0	0	0	0	1	0	2
Phiale	4	2	0	0	0	0	0	6
Nestoris	2	3	0	2	2	0	0	9
Situla	1	1	0	0	0	0	0	2
Outro	2	3	0	0	0	4	1	10
Total	146	92	22	46	10	41	07	364

Tabela 6. Relação da forma e da representação gráfica em vasos italiotas e siciliotas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Observando esses primeiros dados quantitativos, percebemos que, no caso da Magna Grécia e da Sicília, como já dito

anteriormente, as temáticas mais recorrentes são aquelas relacionadas ao casamento e ao universo dionisiaco – confirmando os dados compilados

na Coleção Teresa Cristina. Também em termos quantitativos, desperta o interesse o fato de a maioria dos vasos com esses temas ser proveniente da Sicília.

Relacionando tema e forma percebemos que, surpreendentemente, a temática ligada ao casamento não aparece muito em *loutrophoroi*, vasos tipicamente femininos e usados como presentes de casamento, para transportar a água do banho da noiva. A temática é mais recorrente em crateras e hídrias, vasos de uso doméstico, porém não diretamente ligados ao casamento.

Especialmente nos chama atenção o fato de aparecerem tantas cenas de casamento em crateras, vasos ligados ao deus Dioniso, e que essa forma de vaso seja a mais recorrente dentre todos os vasos dessa região, quando consideramos também outras temáticas. Dentre as formas mais ligadas ao casamento, aparecem também os *lebes gamikoi*, coerentemente apresentando cenas matrimoniais. Outros vasos considerados femininos (*lécito*, *peliké*, *pyxis*, *enócoa*, *hidria*) também possuem grande número de imagens de casamento.

A maioria das imagens relacionadas ao tema do universo dionisiaco aparece em crateras, o que é bastante coerente, uma vez que a cratera era o vaso utilizado para misturar o vinho e a água em banquetes e no uso cotidiano.

Nos temas relacionados à partida do guerreiro ou à homenagem ao herói, as maiores diferenças existentes nos vasos da Magna Grécia e da Sicília, se compararmos com os demais vasos do mundo grego, em especial os áticos, ficam por conta dos aspectos locais bastante presentes. Nestes vasos, os heróis ou guerreiros aparecem constantemente com roupas e armamentos locais, além de ser claramente perceptível o acento regional e a euforização da cultura local. Talvez esse seja o motivo para a presença de um maior número de vasos com tal temática no sul da Itália, em detrimento da região da Ática, por exemplo, que, apesar de apresentar esse tipo de representação, não utiliza esses temas em números tão expressivos.

Também as cenas de teatro apresentam diferenças entre os vasos de outras regiões e os da Magna Grécia e da Sicília, uma vez que nestes últimos percebemos uma presença maior

de vasos fliácicos, nos quais os atores eram figurados de forma burlesca, representando comédias fliácicas, forma teatral original de espetáculo de farsa grotesca, que teve maior impulso na Magna Grécia e na Sicília.

Apesar de encontrarmos temáticas semelhantes nos vasos de outras regiões (principalmente nos áticos) e naqueles do sul da Itália, é possível perceber que, nestes últimos, os artistas optaram por utilizar elementos pouco explorados nos vasos áticos. Um bom exemplo disso é a presença, nos vasos italiotas e siciliotas, de cenas de realização de rituais propiciatórios para o casamento, que aparecem em número considerável no sul da Itália, mas não são comuns na região da Ática.

Além disso, nos vasos do sul da Itália muitas vezes podemos perceber na imagem que esse ritual era realizado pela mulher e pelo homem, em conjunto. Na região da Ática, somente vemos rituais realizados por mulheres e homens em cenas de despedida do guerreiro, mas não em cenas de preparo para o casamento.

A fim de realizarmos uma necessária comparação com a Coleção Teresa Cristina – e agora já direcionando nosso olhar para as temáticas principais –, cabe ressaltar que grande parte dos vasos italiotas e siciliotas com temática de casamento provenientes de outros museus (125 vasos) possui cenas de oferendas ou de rituais (95 vasos, 76%) e, em sua totalidade, é uma mulher quem realiza pessoalmente a oferenda, às vezes também acompanhada por um jovem.

Outros aspectos chamaram nossa atenção. Ao contrário dos vasos da Coleção Teresa Cristina, nos quais a figura do deus Eros não aparece diretamente, em vasos pertencentes a outros museus, e que tratam da temática do casamento, este deus aparece em 63 vasos (50,40%), sendo que em 42 deles (33,60%) Eros encontra-se sozinho, sem a presença de outros deuses, e em 21 vasos (16,80%) aparece em conjunto com o deus Dioniso (explicitamente ou em atributos).

Essa ligação entre Eros e Dioniso, bem comum nos vasos dos demais museus, não aparece, de forma explícita, nos vasos da Coleção Teresa Cristina. Entretanto, a presença de Dioniso em vasos com cenas de casamento dessa

coleção insere essa divindade na esfera de Eros, mesmo que este último não esteja presente de forma direta na imagem. Nos vasos provenientes dos demais museus, Dioniso também aparece sozinho (em “pessoa” ou em atributos) em mais 23 vasos, somando-se, portanto, 44 vasos (35,20%) de casamento com referências a ele.

As cenas contendo rostos femininos também são recorrentes, tanto na Coleção Teresa Cristina (13 vasos, 35,13%), quanto nos vasos de outros museus, em um total de 41 vasos (11,27%).

Conclusão

Considerando todos os elementos referidos, observamos que os vasos italiotas da Coleção Teresa Cristina apresentam um padrão bastante semelhante ao conjunto de vasos italiotas e siciliotas de outros museus. A coleção possui vasos com as principais temáticas presentes no sul da Itália, sugerindo que, se não existiu uma escolha, houve, ao menos, uma percepção sobre os principais tipos de vasos e aqueles que seriam significativos para uma coleção de importância.

As formas dos vasos da Coleção Teresa Cristina também seguem essa dinâmica, apresentando percentuais e ligações com temas bastante semelhantes a outros vasos da Magna Grécia e da Sicília, demonstrando ser uma coleção significativa dentro do universo de vasos dessa região.

O total de vasos provenientes da Magna Grécia, que engloba peças datadas dos séculos VII a III a.C., forma um importante conjunto arqueológico, que expressa, de forma bastante significativa, a história, os costumes e a vida cotidiana dos povos formadores do mundo grego. As demais peças da Coleção Teresa Cristina

também colocam em evidência as sociedades etrusca e romana, e suas interações culturais com os gregos e demais povos da região, sendo um importante testemunho da história desses grupos, que formaram a base da cultura ocidental.

Esse estudo revelou o enorme potencial dessa coleção de levantar não apenas novas questões, mas também de retomar o olhar sobre o que foi referido por outros autores. O estudo da iconografia dos vasos pode trazer excelentes reflexões sobre as interações culturais da região das *apoikiai* gregas e sobre os espaços de atuação femininos, revelando os costumes desses povos e um universo de símbolos que desafia os tempos, devendo ser desvendado em todas as suas dimensões.

A iconografia presente na Coleção Teresa Cristina abre espaço para os mais variados temas: gênero, contextos funerários, religião, mitologia, mitos de origem, heróis locais, teatro, política, colonização, entre outros.

Talvez a maior contribuição de trabalhos nessa direção seja, justamente, a abertura de novos horizontes de pesquisa, não só no que diz respeito à Coleção Teresa Cristina, mas à iconografia dos vasos do sul da Itália em geral. Em especial, no que se refere ao estudo das mulheres, a análise da iconografia dos vasos da região da Magna Grécia e da Sicília pode ser considerada no mínimo instigante.

Fundamentais na formação das *poleis* e das sociedades locais, a reconfiguração do papel da mulher no mundo grego cria maior visibilidade da sua ação decisiva como elemento de agregação de valores sociais, culturais e políticos naquele espaço e inscrito naqueles tempos, considerando que a historiografia seguiu muitas vezes notabilizando a engrandecendo o papel masculino nas conquistas e realizações.

SANTOS, S.F. The Teresa Cristina Collection of Rio de Janeiro National Museum: possibilities of a collection. *R. Museu Arq. Etn.*, 30: 148-160, 2018.

Abstract: This article aims to present Teresa Cristina Collection of Rio de Janeiro National Museum in its educational and research opportunities, focusing on vessels with iconography from Magna Graecia's region. The collection, also called Mediterranean Collection, is a compound of objects produced by Etruscans, Greeks and Greek colonies established in southern Italy, as well as Romans, especially those from the cities of Pompeii and Herculaneum. Through

a specific set of pieces, the aim is to make a comparison with other collections in the world, to prove that Teresa Cristina Collection is a significant collection and can provide suitable material for study and research.

Keywords: Teresa Cristina Collection; Objects potential; Iconography; Vases; Magna Graecia.

Referências Bibliográficas

- Avella, A.A. 2014. *Teresa Cristina de Bourbon: uma imperatriz napolitana nos trópicos – 1843-1889*. Editora Uerj, Rio de Janeiro.
- d'emploi. La Documentation Française, Paris, 315-320.
- Dias, C.K.B. 2009. Colonização grega e contato cultural na Magna Grécia: o testemunho dos vasos lucânicos. *Revista Aedos*, 2 (5): 44-62.
- Orlandini, P. 1986. Le arti figurative. In: Carratelli, G.P. et al. *Megale Hellas: storia e civiltà della Magna Grecia*. Libri Scheiwiller, Milano, 330-554.
- Funke, P. 2006. Western Greece (Magna Graecia). In: Kinzl, K.H. (Ed.). *A companion to the Classical Greek World*. Blackwell Publishing, Hoboken, 153-173.
- Peirce, S. 2004. Myth and reality on Greek vases. In: Warden, P.G. (Ed.). *Greek vase painting: form, figure and narrative – treasures of the National Archaeological Museum in Madrid*. Meadows Museum; SMU Press, Dallas, 46-50.
- Lavagne, H. 2005. Teresa Cristina Maria: uma imperatriz arqueóloga (1822-1889). In: *Afrescos de Pompéia: a beleza revelada*. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 10-18. Catálogo de exposição.
- Santos, S.F. 2015. *Espaços femininos na Magna Grécia e Sicília: estudo comparativo da iconografia dos vasos da Coleção Teresa Cristina e de vasos itálicos, sicilianos e áticos dos séculos V-IV a.C.* Tese de doutorado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Lomas, K. 2000. Cities, states and ethnic identity in southeast Italy. In: Herring, E. & Lomas, K. (Eds.). *The emergence of state identities in Italy in the 1st millennium BC*. Accordia Research Institute, London, 79-90.
- Sarian, H. 1996. Histórico da Coleção. In: *Cerâmicas Antigas da Quinta da Boa Vista*. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 25-28. Catálogo de exposição.
- Moscatti, S. 1987. *L'Italia prima di Roma*. Electa, Milano.
- Warden, P.G. 2004. Form, figure and narrative in Greek vase painting. In: Warden, P.G. (Ed.). *Greek vase painting: form, figure and narrative – treasures of the National Archaeological Museum in Madrid*. Meadows Museum; SMU Press, Dallas, 4-9.
- Mugione, E. 1999. Pluralità di tradizioni nella ceramica itálica. In: Villanueva-Puig, M.C. et al. (Eds.). *Cerámique et peinture grecques: modes*